



EMBRAPA

Centro de Pesquisa Agropecuária
do Trópico Semi-Árido (CPATSA)
BR - 428 Km 152 Rod. Petrolina/L. Gde.
Fone: (081) 961 - 0122
Telex (081) 1878
Cx. Postal, 23
56.300 - PETROLINA - PE

ISSN 0100-9729

DOCUMENTOS

Nº 31, nov/84, p.1-5

O MAMÃOZINHO OU MAMÃO-DE-VEADO

Importância e Uso

✶ José Luciano Santos de Lima¹

INTRODUÇÃO

O mamãozinho ou mamão-de-veado (*Jacaratia corumbensis* Kuntze), assim chamado por ser consumido por veados, é, sem dúvida, uma espécie desconhecida para a maioria dos estudiosos da caatinga no que diz respeito ao seu uso, ocorrência e interesse econômico, principalmente da batata/túbera, raiz que armazena água. Informações sobre esta xerófita só se conhecem através de caçadores, trabalhadores de campo e vaqueiros da região Nordeste, não tendo sido encontradas citações nas diferentes literaturas sobre as caatingas. Em função da água que armazena e da possibilidade do aproveitamento da raiz para fazer doce caseiro tipo "tijolo", usado na alimentação das famílias rurais nordestinas, justifica-se este trabalho pela importância que a espécie adquire, principalmente durante os períodos de seca do Nordeste brasileiro.

CARACTERÍSTICAS GERAIS

O mamão-de-veado é um arbusto com ramificação delgada. Quando adulto apresenta caule em torno de 4 cm de diâmetro na base, ritidoma marrom-claro e, se cortado, pode ser ramificado desde sua base. A espécie cresce apoiando-se sobre árvores e outros arbustos, che

¹ Botânico, M.Sc., CPATSA-EMBRAPA, Caixa Postal 23, CEP 56300, Petrolina, PE.

DOC/nº 31, CPATSA, nov/84, p.2.

gando então a atingir 4 m de altura, dependendo do porte.

As folhas são pecioladas, alternas, com três folíolos, todos com lóbulos irregulares. A parte superior da planta apresenta verde intenso e a parte inferior é esbranquiçada. Por incisão do caule, folhas, há exsudato. A planta é dióica, o que significa apresentar produção de flores unissexuais em indivíduos diferentes. As flores femininas são solitárias no topo das ramificações e as masculinas são agrupadas nos nós dos ramos. O fruto é uma baga pequena, comprida, medindo cerca de 6 cm de comprimento por 1 cm de largura e, quando madura, é amarelo-alaranjada.

A planta possui uma raiz principal que se transforma em tubérculo/batata/xilopódio e apresenta diferentes formas, sendo a forma arredondada a mais comum. Existem tubérculos que chegam a pesar 70 kg. Na superfície do solo observa-se a saliência provocada pela pressão exercida pelo xilopódio. Isso ocorre nas caatingas nordestinas, em diferentes tipos de solo, independentemente de serem arenosos ou pedregosos.

Numa área aproximada de 4.000 km², na região sul de Ouricuri, PE, em 1982, onde foram realizados 447 levantamentos, num trabalho fitoecológico realizado pelo CPATSA-EMBRAPA, a espécie ocorreu 29 vezes registrando-se, desse modo, uma ocorrência na área estudada de 6,5% o que leva a considerá-la como relativamente freqüente. A densidade de indivíduos por ha é de 1,20, a área da copa é de 2,44 m² e a área da copa por ha é de 2,93 m² (Albuquerque et al. 1982).

UTILIZAÇÃO DO TUBÉRCULO

A raiz do mamão-de-veado, nos períodos secos e de difícil sobrevivência na caatinga, é muito utilizada na industrialização caseira do "tijolo de mamão-de-veado" para consumo de familiares, trabalhadores e venda nos centros de comércio e feiras livres.

O Sr. Olímpio Alves da Mota, produtor rural no Projeto Maniçoba em Juazeiro, Ba, durante 22 anos fabricou tijolos de mamão-de-veado e rapadura de cana-de-açúcar quando proprietário de um engenho à margem do rio São Francisco, na localidade de Maniçoba. Segundo

DOC/nº 31, CPATSA, nov/84, p.3

seu depoimento, recolhido em 20 de outubro de 1983, os "tijolos" tinham maior aceitação que a rapadura. A raiz, por ter sabor um pouco travoso e sem doce, dificilmente é consumida in natura, sendo usada mesmo para fabricação de "tijolos". Informou ainda que a água da túbera não é venenosa. O autor deste trabalho teve oportunidade de prová-la in natura com outros funcionários do CPATSA, sem no entanto sentir distúrbios aparentes no organismo.

Operações para fabricação do tijolo de mamão-de-veado:

- Matéria-prima: batata de mamão-de-veado.

1. Tirar a casca da batata.
2. Passar no ralador (semelhante à mandioca).
3. Cozinhar a massa com água natural até a fervura.
4. Pôr dentro de um saco, amarrar e pendurar numa corda, deixando secar por duas ou três horas.
5. Após a secagem, prensar a massa com folha de carnaúba ou torcer.
6. Peneirar a massa seca.
7. Pôr a massa em uma gamela.
8. Misturar o mel de cana-de-açúcar, no "ponto de tijolo", com a massa na gamela, usando remo de pau.
9. Colocar temperos: canela, cravo e erva-doce.
10. Após a completa mistura, encher as fôrmas e deixar esfriar. Na região é de uso fôrmas com capacidade de 1,4 kg, 1,6 kg e 2 kg. Estas devem estar preparadas sobre tábua ou cimento, forradas com um pano úmido, para que o tijolo seja destacado facilmente.

ANÁLISE DE LABORATÓRIO

Material levado para análise realizada no laboratório do CPATSA, da EMBRAPA, deu as seguintes informações:

Característica do material analisado:

- . Material: batata de mamão-de-veado
- . Peso bruto: 43 kg
- . Forma: arredondada com 59 de comprimento x 53 cm de largura.

DOC/nº 31, CPATSA, nov/84, p.4.

Resultado do material analisado

- . pH: 6
- . Grau brix: 2
- . Umidade (a 105^oC): com casca - 90,44%
sem casca - 92,27%

Obs.: Umidade retirada com espremedor de batata (manual).

CONCLUSÃO

O mamãozinho ou mamão-de-veado tem sido explorado de forma exclusivamente extrativista. Todavia, devido à sua importância e às repetições dos períodos secos na região do Trópico Semi-Árido do Nordeste brasileiro, quando há escassez de água e alimentos na caatinga, seria recomendável desenvolver trabalhos para estudar o manejo, fisiologia e melhoramentos da espécie.

DOC/nº 31, CPATSA, nov/84, p.5.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, S.G. de; SOARES, J.G.G. & ARAÚJO FILHO, J.A. de. Den-sidade de espécies arbóreas e arbustivas em vegetação de caatinga. Petrolina, PE, EMBRAPA-CPATSA, 1982. 9p. (EMBRAPA-CPATSA. Pesquisa em Andamento, 16).
- BRAGA, R. Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará. 3.ed. Fortaleza, CE, s.ed., 1976. 540p. (Mossoró. Escola Superior de Agricultura. Coleção Mossoroense, 42).
- CUNHA, E. da. Os sertões; Campanha de Canudos. 29.ed. Rio de Janeiro, F. Alves, 1979. 416p.
- DUQUE, J.G. Cursos de semi-aridez e lavouras xerófilas. s.l, DNOCS, 1973. v.1, 118p.il.
- DUQUE, J.G. O Nordeste e as lavouras xerófilas. 3.ed. Mossoró, ESAM, 1980. 316p.il. (Mossoró. Escola Superior de Agricultura. Coleção Mossoroense, 143).
- LAWRENCE, G.H.M. Taxonomia das plantas vasculares. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1977. v.2, 854p.
- LUETZELBURG, P. von. Estudo botânico do Nordeste. Rio de Janeiro, Inspectoria Federal de Obras Contra as Secas, 1923. v.3, 283p. (IFOCS. Publicação, 57. Série I.A.).
- SCHULTZ, A.R. Introdução ao estudo da botânica sistemática. 3.ed. Porto Alegre, Globo, 1963. v.2, 427p.

acoplado no. 31, novembro de 84
CPATSA
Petrolina, Pernambuco

INFORMAÇÕES GERAIS

Este trabalho foi elaborado com o objetivo de fornecer informações gerais sobre a situação atual da indústria brasileira de petróleo e gás natural, bem como sobre as perspectivas futuras. O estudo foi realizado com base em dados coletados durante o período de 1980 a 1985, através de pesquisas em fontes secundárias e primárias.

A indústria brasileira de petróleo e gás natural passou por um período de expansão significativa nos últimos anos, impulsionada pelo crescimento da demanda interna e pela descoberta de novas reservas. No entanto, a indústria enfrenta desafios significativos, como a concorrência internacional e a necessidade de investimentos em pesquisa e desenvolvimento para garantir a sustentabilidade a longo prazo.

As perspectivas futuras são positivas, desde que haja um compromisso firme com a inovação e a eficiência. A indústria deve continuar a buscar novas fontes de energia e desenvolver tecnologias que reduzam o consumo e aumentem a produção. Além disso, é fundamental fortalecer a cooperação entre o setor público e privado para superar os obstáculos e alcançar os objetivos estabelecidos.

3ª reimpressão: 2.000 exemplares
CPATSA
Petrolina, outubro 1986